Ano XXIV — Lisboa, Janeiro de 1968 — N.º 273

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

O ANIVERSÁRIO DE "SEMPRE PRONTO"

Mais um ano de existência acaba de completar «Sempre Pronto» — o 23.º.

O facto de se ver cumprido um programa de trabalho é com certeza motivo de satisfação, embora compreendamos as limitações que a força das circunstâncias impõe à nossa actividade, visto serem grandes as dificuldades ao redor. A edição de cada número do jornal, não o esqueçamos, tem foros de autêntica proeza ou, melhor, representa custosa vitória na luta pela sua sobrevivência.

O condicionamento em que se processa a vida de «Sempre Pronto» não permite que se empreenda uma acção mais efectiva de apoio ao movimento escotista e de propaganda das virtudes deste método educativo.

Todavia, durante o ano que findou, algo se promoveu que muito pode contribuir para o estudo, entre nós, do problema escotista: o inquérito acerca do Escotismo em Portugal, em que tivemos o privilégio de escutar depoimentos valiosíssimos de personalidades que ao Escotismo dedicaram grande interesse e atento estudo.

Outra realização que merece ser sublinhada neste ligeiro balanço é a visita que o corpo directivo fez à

Continua na pág. 5

PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO — III

PODEREMOS ENCONTRAR SOLUÇÕES PARA O PROBLEMA DA JUVENTUDE?

Por EDUARDO RIBEIRO

Ao procurar-se determinar as principais causas da anormalidade da crise juvenil, parece muito fácil apontar soluções. Bastaria remover as causas. Isso, porém, que se nos afigura tão simples, reveste-se de dificuldades quase insuperáveis.

Não há dúvida de que uma primeira solução será reconstruir a integridade do lar e restaurar a autoridade paterna, entendendo-se por autoridade o poder que dimana mais do respeito do que da força. Este é um ponto que deve merecer profunda meditação a todos aqueles que sentem a responsabilidade de formar a personalidade dos filhos. Esta meditação exige que os pais tenham uma noção tão perfeita quanto possível da importante missão que a família pode e deve exercer na formação da personalidade infantil. O harmonioso desenvolvimento da criança carece da presença constante dos pais e até de irmãos, acarinhando, brincando, exercendo disciplina e dando liberdade, para que a educação se processe com toda a normalidade.

A presença dos pais é, todavia, prejudicada por problemas difíceis. A questão social não lhe é alheia. Os nossos avós conseguiram, com esforços e sacrifícios inauditos, o direito ao dia de 7 ou 8 horas de trabalho. Foi uma regalia extraordinária que permitiu útil aplicação das horas de ócio, tanto na educação dos filhos, como em distracções filantrópicas, culturais e artísticas. Muitas prestimosas instituições, hoje decadentes, surgiram em consequência desse privilégio. Tal benefício está hoje perdido, embora a Lei o garanta. Assediados pelas dificuldades da vida, os chefes de família são frequentemente forçados a ocupar as horas de folga em serviços profissionais suplementares, escasseando o tempo que deveriam, em primeiro lugar, dedicar à família.

Muito se tem dito acerca do direito da mulher em trabalhar ao lado do homem na vida pública. Ninguém, com justiça, poderá negar tal direito, indispensável tantas vezes à manutenção da casa, mas a grande verdade é que esse exercício a afasta do lar, onde tem obra preciosa a desempenhar na educação dos filhos. Ninguém poderá substituir a mãe nessa importante missão, cuja falta far-se-á sentir para o resto da vida.

Não voltaremos ao tempo do pai austero, duro, nem haveria nisso qualquer vantagem, mas é preciso que os pais se ocupem dos filhos, se imponham à sua consideração e respeito, que sejam os principais companheiros de seus filhos e companheiras de suas filhas, sobretudo na infância e na pré-adolescência, em que estes tanto estimam a camaradagem dos seus progenitores. A chamada crise da juventude é essencialmente um problema de disciplina; disciplina que dá os seus primeiros e mais importantes passos no lar. Sem amor, respeito e disciplina

Continua na pág. 4

NOVOS ASSINANTES:

— UMA CAMPANHA EM MARCHA

A campanha para novos assinantes está em pleno desenvolvimento. Não podemos dizer que têm entrado muitos, mas as adesões chegam, espontâneas, correspondendo ao apelo feito.

Estamos particularmente interessados em levar o jornal aos Escoteiros e suas famílias, pelo que fazemos um apelo aos Chefes de Grupo e aos Guias de Patrulha.

O Chefe Lusano Leite, do Grupo 93, mais uma vez traz a sua colaboração enviando-nos a assinatura da Chefe de Alcateia do seu Grupo, Sr.ª D. Maria Teresa da Conceição Rodrigues. Obrigado.

Outras respostas vão ser recebidas. Estamos certos disso.

JAMBORIS MUNDIAIS

Designação	Ano	Local	País	Número de presenças	
				Países	Escoteiros
1.º —	1920	Londres (Olímpia)	Inglaterra	34	8 000
2.º —	1924	Ermelunden	Dinamarca	33	4 549
3.º — da Maioridade	1929	Arrowe Park (Birkenhead)	Inglaterra	69	50 000
4.º —	1933	Gödöllö	Hungria	32	25 792
5.º —	1937	Vogelenzang	Holanda	54	28 750
6.º — da Paz	1947	Moisson	França	66	24 152
7.º — Simplicidade	1951	Bad Ischl	Áustria	42	12 884
8.º — Novos Horizontes	1955	Niagara	Canadá	71	11 139
9.º — do Jubileu	1957	Sutton Park	Inglaterra	80	30 000
10.º —	1959	Monte Makiling	Filipinas	44	12 203
11.º —	1963	Maratona	Grécia	88	14 000
12.º — da Amizade	1967	Farragut Park	E U. A. (Idaho)	107	13 000

O número de escoteiros é o número de representantes oficiais.

FILATELIA

Por Mendes Marques

Certamente que alguns dos leitores mais atentos terão estranhado não ter incluído na lista inserta no último número todas as emissões alusivas ao XII Jambori Mundial. Qual a razão? terão perguntado alguns.

Como é do conhecimento geral, o afluxo de selos que se tem verificado no mercado, emitidos por algumas administrações postais(?), não corresponde, de forma alguma, à sua necessidade como franquia. É uma autêntica invasão às algibeiras dos filatelistas. Um chorudo negócio com a complacência de muitos incautos.

A F. I. P. (Federação Internacional de Filatelia) já há muito que vinha observando com apreensão o sistemático aparecimento de séries sobre séries por parte de alguns países (?), mormente os do Golfo Pérsico. Uma vez que as suas observações não haviam sido acatadas, aquela Federação decidiu, no Congresso de Maio passado, interditar a apresentação dos selos emitidos após o dia 20 do referido mês, em todas as exposições internacionais ou por ela patrocinadas, desclassificando sumàriamente todos os contraventores.

Na parte que nos interessa, é dinheiro gasto inùtilmente na aquisição de quaisquer selos da Jordânia, Iemen, Qatar, Mahra, Kathiri, Ras al Khaima, e outros tais.

NOVIDADES

Recebida a última novidade — o selo de 15 c. de Lesotho, comemorativo dos 60 anos do Escotismo, anunciam-se, para o corrente ano, emissões dos seguintes países: Costa Rica (já anunciada no ano anterior), Bolívia, Itália, Salvador, Maldivas, Grenada, Iraque e Federação da Arábia do Sul.

O PRIMEIRO SELO COM UM ESCOTEIRO

Coube à Hungria a emissão do primeiro selo representando um escoteiro. A série de 8 selos — a primeira série desportiva húngara — foi emitida em honra de várias associações desportivas do país. O selo referido, com o valor facial de 1000 Korona, castanho-violeta, apresenta um escoteiro corneteiro, tendo por fundo um acampamento escotista.

Esta emissão foi vendida com uma sobretaxa de 100 % para auxílio das associações desportivas, sobretaxa indicada por uma inscrição nas costas do selo. Este foi impresso em papel liso e a série circulou sòmente de 27 de Abril a 31 de Dezembro de 1925.

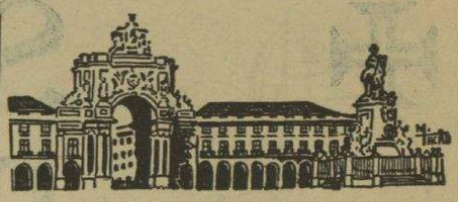
V Poemeto filatélico

Diante do selo «Europa»

Europa... não a raptada
Por um «deus» tornado touro:
Europa da fé pregada,
Da ciência cortejada,
Dos versos de mel e ouro.
Terra do velho «romance»
De Amadis e Lancelote,
Que lembra, em nobre relance,
«Lusíadas» e «Quixote»;
De esforços super-humanos,
De vitoriosos passos;
Dos prémios nobelianos
E... dos tremendos fracassos.

Peçamos por ela a Deus,
Todos nós, os Europeus!

Eduardo Moreira



O ESCOTISMO NA CAPITAL

Festas de Natal promovidas pelos escoteiros

A Fraternal, com o seu Presidente da Direcção, a sua Secção de Campismo e alguns dos seus associados, bem como os dirigentes e escoteiros dos grupos 8, 9, 93, 94 e grupos em formação na Pontinha e Queluz, numa atitude bem própria de escoteiros, resolveram praticar a boa acção de Natal, levando a sua contagiante alegria aos locais que mais precisam dela, um hospital e uma cadeia.

No sábado, dia 16 de Dezembro, no hospital de Almada, algumas dezenas de doentes tiveram nos escoteiros a alegre companhia de algumas horas, durante as quais muitas dores foram esquecidas. Nas palavras de gratidão da dedicada Enfermeira-Chefe daquele estabelecimento, pudemos avaliar quanto foi apreciada a actuação dos escoteiros.

No domingo 17, na cadeia comarcã de Sintra, mais de três dezenas de detidos puderam, graças aos escoteiros, esquecer a sua triste condição durante algumas horas que, por isso, lhes pareceram mais curtas. A alegria chegou a reinar naquele local triste, mercê da boa actuação de alguns escoteiros e do espírito compreensivo do respectivo carcereiro, Sr. Marino Emanuel Campos de Lemos, antigo escoteiro do grupo n.º 93.

Os antigos escoteiros presentes na visita apreciaram com aplauso o asseio, boa ordem e humanidade que o Sr. Marino Lemos sabe inteligentemente impor, tendo-o distinguido, no final, com um emblema da Fraternal, pelo espírito escoteiro que demonstra no desempenho da sua ingrata missão, acto que foi sublinhado por quentes aplausos dos detidos, numa demonstração evidente de estima por quem cumpre digna e humanamente o seu dever.

M. G.

Comissariado das Relações Internacionais do Escotismo Português

Como é já do conhecimento dos nossos leitores, as relações internacionais do Escotismo Português, englobando o Movimento da Associação dos Escoteiros de Portugal e do Corpo Nacional de Escutas, são exercidos em conjunto. Em cada biénio o cargo de Comissário é desempenhado pelo representante de uma das associações, sendo o outro o seu adjunto.

Assim, no biénio recentemente terminado, o cargo foi desempenhado pelo Sr. Vítor de Lima e Santos. No biénio agora iniciado, o Comissário de Portugal, será o Sr. Manuel Lopes Peixoto, dos Escoteiros de Portugal, sendo o Sr. Lima e Santos, o adjunto.

Sempre Pronto, ao ser iniciado um novo período de trabalho, apresenta ao Comissariado das Relações Internacionais os seus cumprimentos.

Ecos do 10.º Jambori no Ar

Recebemos o Relatório Mundial do 10.º Jambori no Ar, do qual transcrevemos o comentário e a parte respeitante a Portugal.

Os Escoteiros de Portugal estiveram representados pelos seus Grupos:

Na Metrópole: — Grupos n.os 2 (Patrulha Gaivota), 12, 15, 85, 93, e Grupo de Queluz (em organização);

Nos Açores: — Grupo n.º 52;

Em Angola: — Grupo de Benguela (em organização);

Em Moçambique: — Grupo do Dondo (em organização).

RELATÓRIO GERAL

Na maioria dos países, a participação foi ligeiramente afectada devido à alteração da data, de Outubro para Agosto. Em certos casos, porém, a troca de datas traduziu-se num aumento de interesse e de participação, se se considerar a sincronização com o Jambori de Farragut e a organização de numerosos «campos de ligação» em todo o mundo.

Não há dúvida que, para os poucos afortunados que estiveram em Farragut State Park, no Idaho, Estados Unidos, a experiência foi mais que justificada. Era ver, com efeito, a multidão que se juntava ali em volta das estações, pràticamente a qualquer hora do dia ou da noite, e observar o rosto dos rapazes quando eles estavam a ouvir, à distância de muitos milhares de quilómetros. A julgar pelos relatórios recebidos, os escoteiros colocados em estações espalhadas pelo mundo experimentaram igual emoção quando os operadores conseguiram contactar k7WSJ, no Jambori Mundial, GB3BSI, na Ilha de Brownsea, em Inglaterra, ou ZS6JAM, em Mafeking. Estas três estações foram os pontos focais deste 10.º Jambori no Ar, estabelecendo uma ligação pela rádio tanto com o passado como com o presente.

Os Relatórios dos Organizadores Nacionais e Comissários explicam tudo em pormenor e só lamentamos que o espaço de que dispomos não nos permita transcrevê-los na íntegra. Alguns pontos parecem, entretanto, dignos de atenção: primeiro, o vasto número de estações exteriores este ano talvez pela alteração da data; em segundo lugar o número de escoteiros e dirigentes que obtiveram as suas próprias licenças de operadores de rádio e, finalmente, a edição, este ano, duma segunda estação «móvel marítima». Trata-se da «Invicta», com o indicativo VK4WC e operada pelos escoteiros marítimos de Shorncliffe, na Queensland (Austrália). A primeira é, evidentemente, o M. S. «Sarpen» SM7XA/MM, de Simrishamm, na Suécia. Ao saber disto, ficamos a pensar quem apresentará a terceira e qual será o país que se abalançará à primeira estação «aérea móvel», que opere no Jambori.

Allan Ritch conta que a África do Sul, graças ao excelente apoio da sua Liga de Radiamadores, tem um radiamador para cada 400 escoteiros no Jambori no Ar. Um rápido cálculo mostra que a Austrália tem um amador por cada 280 escoteiros. Ficamos a pensar quem poderá bater este recorde.

PORTUGAL

Embora, infelizmente, quase todos os radiamadores em Portugal, juntamente com muitos dos escoteiros, parecessem ter escolhido o período do Jambori do Ar para gozar as suas férias anuais, os Escoteiros de Portugal registaram certamente um grande êxito, culminando muitos meses de cuidadosa preparação e publicidade.

A todos os Grupos e radiamadores foram prèviamente enviados exemplares de um folheto de 24 páginas especialmente preparado, contendo toda a informação necessária à participação no Jambori no Ar e muitas indicações extraídas das realizações anteriores.

Para ajudar às despesas da edição do folheto e dar ainda maior projecção ao acontecimento, foi composto um carimbo especial, tendo os C. T. T. instalado um posto de correio na sede dos Serviços Centrais da Associação, durante o fim de semana.

Por outro lado, o «Século Ilustrado», revista de grande tiragem, dedicou ao Jambori no Ar três páginas da sua edição de 12 de Agosto.

Estiveram em actividade 25 postos de radiamadores, 15 dos quais na área de Lisboa.

Cumprimentos de Boas-Festas

Tiveram a gentileza de endereçar o seu cartão de boas-festas a Sempre Pronto **e formular generosos votos para o Ano Novo os seguintes nossos dedicados amigos:**

Srs. Rev. Eduardo Moreira, de Lisboa; António Emílio Carvalho Barbosa, José Luís Pinto Machado e António Pacheco da Silva, do Porto; Luís Alves Miguel, da Costa da Caparica; António da Encarnação Amêndoa, de Alhandra; Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento; Eugénio Ribeiro Nunes, do Dafundo; Francisco do Nascimento Pina, de Olhão; António Pestana, do Funchal; Professor Leopoldino da Rocha Tavares, Dinis Avelino Gonçalves de Almeida, de Angra do Heroísmo; José Dinis Camacho, de Moçâmedes; A. J. Brito, de Luanda; Enrique Genovés, de Madrid; Reynaldo Galvão, do Rio de Janeiro; Henrique A. Silveira Luís, de Cabo Frio, Brasil.

Comissão Executiva do Círculo de antigos Nadadores; Igreja Evangélica Pentecostal, de Lisboa. Srs. Vítor de Lima e Santos e Manuel Lopes Peixoto, dignos comissários internacionais do Escotismo Português; Grupos de Escoteiros de Portugal n.os 4, do Porto; 8, de Lisboa; 12, de Oeiras; Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.

Fraternal dos Antigos Escoteiros, da Holanda. Do Secretário-Geral e Dirigentes da Repartição Mundial de Escotismo, Otava, Canadá.

A todos estes amigos sinceramente agradecemos e retribuímos os votos expressos.

Posto de Observação

Uma mensagem de amor

Mesmo quando os homens se dizem ateus e condenam deliberadamente todas as crenças, raros são os que conseguem ficar indiferentes ao sortilégio maravilhoso dessa quadra luminosa e bela, que se repete ano a ano através dos séculos, traduzida por uma palavra tão pequenina mas com tão grandioso significado: — **Natal.**

Por tal razão, são bem característicos daquela quadra os gestos e palavras de cortesia e amizade que muitas pessoas trocam entre si, numa ânsia evidente de bem-estar e conforto espiritual, jamais sentida ao longo do resto do ano.

Pensa-se na alegria das crianças, no bem-estar das famílias, no auxílio aos necessitados, no conforto aos que sofrem.

Todavia, aqueles que crêem e amam a Deus não podem limitar o **Natal** a tão curto período de tempo, antes fazendo-o durar todo o ano, numa mensagem constante de amor, justiça e **«Paz na terra aos homens de boa vontade».**

Nós, escoteiros, que amamos a Deus e possuímos uma lei que nos obriga a proteger e auxiliar o próximo, devemos procurar, por todos os meios ao nosso alcance, estender a nossa alegria e caridade através da prática de boas acções diárias, numa constante renovação da Festa do Natal.

Estive recentemente com os escoteiros no hospital de Almada e na prisão de Sintra e, pelo êxito por eles alcançado em ambas as visitas, pela mensagem de amor que souberam transmitir, atrevo-me a pensar que aquele género de «boa acção» deveria fazer parte do programa dos grupos para se repetir diversas vezes durante o ano.

Os escoteiros cumpriram bondosamente a sua missão, mas não devem quedar-se parados a apreciar o seu gesto. A sua acção é Movimento e nas suas mãos o maravilhoso sortilégio do **Natal** terá de durar o ano inteiro.

Vi rostos de sofrimento sorrirem, crianças e velhos esquecendo dores, homens e mulheres, marcados pelo destino, esquecendo a sua triste condição.

Esta era a maior recompensa que os escoteiros poderiam aguardar. E obtiveram-na.

M. G.

Poderemos encontrar soluções para o problema da juventude?

Continuação da pág. 1

na família nunca poderá haver juventude disciplinada e esta também nunca poderá usufruir de útil e necessária liberdade.

De igual forma seria imprescindível restabelecer a autoridade moral dos mais velhos em geral. Isso exigiria profunda remodelação da vida social. Os mais velhos, sobretudo aqueles que ocupam posição de relevo na vida pública, teriam de deixar de ver a sociedade como simples empresa, da qual tentam arrecadar todos os lucros, para adquirir o sentido de comunidade, de pátria, em que todos trabalham para o bem comum. A ganância desenfreada de tantos, a ânsia de lucro com tudo e por tudo, gera sentimentos de egoísmo que obliteram por completo a consciência da vida social.

Para que as gerações adultas possam consquistar prestígio perante a juventude, prestígio essencial para obter respeito, seria necessário que os princípios de honra e dignidade, respeito pela Verdade e pela Justiça, voltassem a ser os valores supremos do Homem. Não sabemos como conseguir essa reavaliação de valores numa sociedade que se tornou materialista, mas reconhecemos que é imperiosa. Só por este caminho, as gerações jovens se poderão sentir responsáveis. Pelo exemplo, pelo ensino, pelo testemunho, é preciso preparar o jovem para ser Homem. Todas as anomalias que se apontam a essa minoria numerosa de jovens turbulentos são afinal manifestações tristes de seres que atingiram a plenitude da vida física sem capacidade espiritual para serem Homens autênticos.

Na tarefa de restaurar a autoridade dos «velhos» têm os professores relevante papel a desempenhar. Estes terão de restabelecer o seu abalado prestígio deixando de ser meros funcionários, simples fiscais de pontos ou de exames, para se tornarem Mestres, que se impõem à estima e consideração dos alunos pelo anseio de comunicar, pelo saber, e se tornam credores de respeito pelo sentido vocacional com que mantêm o diálogo com a mocidade.

A presença do professor na formação da personalidade da criança e do adolescente reveste-se da maior importância. No desempenho da missão de «ensinar», ele exerce influência que perdurará pela vida fora. Mas o Mestre tem de se dedicar inteiramente à sua tarefa. Como afirma o Prof. Dr. Gonçalves Viana, *o professor, esteja onde estiver, é sempre professor. Nunca pode nem deve esquecer esta categoria. A sua vida particular e pública deve ser orientada, tendo em linha de conta o referido facto.*

Ninguém melhor do que a criança ou o adolescente sabe distinguir entre o professor autêntico e o mero «funcionário». Mas deste facto somos nós próprios, adultos, testemunhas. Não é verdade que a memória dos Mestres que tivemos na mocidade perdura ainda no nosso espírito como uma auréola de saudade e de respeito, enquanto os outros, os que carregavam apenas o fardo da profissão, nos merecem ainda uma recordação de desprezo?

Acerca da influência que os professores exercem no carácter dos alunos, dizia o grande Mestre e Pedagogo que foi António Aurélio da Costa Ferreira: *Estou certo de que o facto de frequentemente se verem professores, pessoas aliás de fino trato, tomarem nas aulas atitudes grosseiras e hostis, como o de políticos ostentarem no governo atitudes completamente opostas aos sentimentos que mostravam fora dele, resulta da imitação inconsciente de atitudes que viram na sua infância, ou na sua mocidade, nos que ensinavam e governavam.* E noutro passo: *O principal segredo da arte do educador é saber fazer do educando um amigo, saber apossar-se do aluno. Educai não só com a alma: educai com alma.*

Certamente, os professores poderão ser alavanca preciosa para corrigir o estado perigosamente emocional em que uma parte da juventude vive nos dias de hoje. Assim eles queiram assumir integralmente tão grande responsabilidade.

A colaboração das igrejas poderá também ser muito útil nesta obra de aproveitamento da gente nova e formação do seu carácter. Para além do sentido apostólico da sua missão, as igrejas não podem nem devem estabelecer conflito com os novos. Dizia o Dr. José Neiva: *No aspecto religioso cumpre distinguir um aspecto objectivo e um outro subjectivo. Há o culto, a prática religiosa realizada por uma instituição dentro de moldes estabelecidos, e o sentimento religioso, a vivência individual duma ideia ou dum princípio. Quando a revolta juvenil se manifesta é sempre contra o aspecto exterior, a organização, o rito, as práticas sujeitas a uma determinada disciplina. O sentimento religioso em si, mesmo independentemente do seu conteúdo, existe na adolescência e, como teremos ocasião de notar, manifesta-se neste período da vida mais forte e vivo que em qualquer outro.* O desconhecimento deste facto, a falta de compreensão da juventude, gera por vezes atitudes infelizes daqueles que pretendem impor aos novos práticas religiosas. Temos assistido, por vezes, a atitudes de espíritos fanáticos, que abrem lamentáveis conflitos com os novos por estes não se sujeitarem a demorados actos de culto. Com o seu rigorismo, geram rebeldia e perde-se a influência que o espírito religioso, a fé, poderia eficazmente exercer na personalidade da juventude. Esses ignoram o apelo de Jesus: *Deixai vir a mim as criancinhas e não as embaraceis...*

Resumindo as nossas considerações, poderemos concluir que a soluçao do problema da juventude está numa nova atitude das gerações adultas para com a vida. São os velhos que têm de modificar as suas atitudes se querem ganhar os novos para uma actividade útil a bem da comunidade. Cada geração que surge é herdeira das anteriores no que de bom e mau elas transmitiram.

No próximo número: **A contribuição do Escotismo para prevenir a crise da juventude.**



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

Disciplina - Subserviência

Por muito extraordinário que isso possa parecer, é facto que, para espíritos mal prevenidos, há virtudes que podem ser tomadas por vícios, ou certos vícios que podem ser confundidos com virtudes. Estão neste caso zelo e fanatismo, perseverança e teimosia, disciplina e subserviência.

Importa pois esclarecer bem o que é qualidade e defeito e, neste momento, vamos tentar distinguir bem **disciplina** de **subserviência**, onde a confusão é muito frequente.

A disciplina é abnegada, serve em cumprimento do dever. A subserviência é egoísta, serve para satisfação dos seus interesses. O disciplinado cumpre, com sacrifício dos seus interesses e da sua vida; enquanto o subserviente cumpre para alcançar postos, benesses e favores.

A disciplina é inteligente, serve raciocinando, sabendo que é útil e honesta. A subserviência é cega, faz tudo o que lhe mandam, não tem escrúpulos.

A disciplina apresenta-se de cabeça erguida; a subserviência de cabeça baixa. A disciplina é uma recta; a subserviência, uma curva.

A disciplina é corajosa e leal; a subserviência, cobarde e traiçoeira.

Enfim, a disciplina dignifica; a subserviência desonra. A disciplina serve sòmente causas nobres. É a única que convém a escoteiros. A subserviência serve interesses duvidosos, é imprópria de caracteres bem formados.

O Inquérito de «Sempre Pronto»

Os tempos áureos do Escotismo como inspiração no trabalho futuro

Os tempos áureos do Escotismo em Portugal e o que se torna necessário fazer nos tempos vindouros, através dos depoimentos de dirigentes escotistas no inquérito levado a cabo por este jornal.

Não posso esquecer os tempos quase áureos que a AEP viveu.

Torna-se necessário (...) criar um escol de chefes actualizados e devidamente seleccionados que, a par da boa vontade e interesse, possam, pela sua acção e missão, dignificar o Escotismo e em especial a AEP.

António Augusto da Silva e Cunha

Lembro que no meu tempo de menino o Escotismo em Portugal estava no auge.

Acho que devíamos vir mais ao encontro uns dos outros, cultivando-nos e disciplinando-nos em primeiro lugar.

António Barbosa

O escotismo dos «tempos heróicos», em que foi posta à prova a abnegação e coragem do rapaz, ultrapassando mesmo os preceitos escoteiros, trouxe-nos uma auréola de simpatia da parte do público, da qual, ainda hoje, usufruímos largos benefícios.

É necessário observar as condições de trabalho nos grupos de escoteiros, saber as causas por que os grupos não progridem, se os chefes estão, ou não à altura de ocupar os seus cargos, e dar remédio necessário para cada caso.

Armando Garcia Inácio

Provam os documentos (...) ter havido períodos de vida activa ou muito activa, e de real progresso, mercê de um conjunto de circunstâncias favoráveis, espontâneas ou construídas.

Nos tempos e no ambiente educativo presentes, circunstâncias, mesológicas desfavoráveis — quanto a nós — haverá forças e meios capazes de construir as suficientemente fortes para anular aquelas e criar o clima para um efectivo progresso?

Dr. Fausto Salazar Leite

O Escotismo (...) viveu e vive com a certeza de que tudo quanto realiza tem a grandiosidade do estoicismo.

O que é preciso é encontrar os **homens** que, pela sua convicção e acção, saibam dar-lhe realidade objectiva.

Coronel A. de Macedo Pinto

... Salientarei (...) o admirável papel desempenhado por um grupo a que nunca pertenci, e ficou gravado na história do Escotismo Português — o Grupo n.º 1 — cuja panache *lhe deu lugar de relevo dificilmente ocupado depois pelos grupos que se formaram. Recolha-se essa lição admirável de altruísmo, de civismo, de abnegação, de caridade mesmo...*

Não basta (...) haver escolas de Chefes... Há outra espécie de «ferramenta» que é preciso manejar com mais habilidade e perícia: é a alma do jovem, é esse *quid* subtil, imponderável, que é como é e não pode ser diferente, ligado como está ao fenómeno da geração, pelo que se impõe ao Chefe a missão de insinuar os moços a procederem de certa maneira diferente daquela que lhes impõe a sua consciência e se lhes afigura ser a melhor porque é a habitual no seu meio.

Prof. A. Alvaro Dória

O Aniversário de «Sempre Pronto»

Continuação da pág. 1

cidade do Porto, onde teve ensejo de conviver com os escoteiros do Norte, num momento de boa actividade e animação. Foi esta viagem um empreendimento de que guardamos agradáveis recordações, não só pela hospitalidade com que, mais uma vez, as gentes nortenhas distinguiram os forasteiros, mas também por pressentirmos que o nosso movimento se prepara ali para entrar no almejado caminho do ressurgimento.

Também é de assinalar a presença do nosso director em Inglaterra, onde, ao lado doutros nossos companheiros, tomou parte na 7.ª Assembleia Geral e no Acampamento de Amizade da Fraternal Escotista Internacional.

Estas iniciativas, que reclamaram o sacrifício material dos seus intervenientes, demonstram a preocupação de «Sempre Pronto» de contribuir efectivamente para manter acesa a chama do ideal.

Todos estes factos, bem como o generoso apoio que continuamos a receber dos nossos estimados Assinantes e Colaboradores, são prova real de que a existência deste jornal é a resultante de uma invulgar aglutinação de esforços e boas vontades. No entanto, tão espontâneas e generosas têm sido as manifestações de carinho que o jornal tem recebido, em especial dos seus Patrocinadores, que receamos que, de futuro, já não seja possível ver ampliado esse auxílio, no caso de virem a acentuar-se as nossas dificuldades.

O ano que começa apresenta-se sob estas perspectivas, que não são as mais auspiciosas, tanto mais que não se conseguiu a renovação dos quadros redactoriais com a profundidade que se torna necessária.

Mas vamos prosseguir, porque é esse o nosso dever em face do amparo que a pléiade dos nossos Amigos nos dispensa.

A todos endereçamos agradecimentos, formulando desejos de um Novo Ano de muitas prosperidades.

A propósito da peça «QUEM PAGA O PATO?»

Diz a nossa ilustre assinante Dr.ª Stehanie Lion:

«Teve muito prazer na leitura da sua peça «Quem paga o pato?», da qual só conhecia a primeira parte, e esta não posta em cena. Li-a em livros alemães de ensino, ficando sempre aborrecida com o cinismo daquele conto, representando tudo menos um conto pedagógico. Agradeço ao... Amigo português por ter ensinado aos escoteiros portugueses o que na Alemanha não se achou preciso ensinar.»

ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Direcção-Central

Sob a presidência do Escoteiro-Chefe-Geral, Sr. Comandante Tengarrinha Pires, recentemente regressado de Angola, terminada a sua comissão de serviço como Chefe do Estado-Maior das Forças Navais de Angola, reuniu-se num dos primeiros dias do ano a Direcção-Central da A. E. P. com a presença dos Srs. Albano da Silva, Manuel Lopes Peixoto, Comandante Diogo Afonso, Dias de Almeida, respectivamente secretário, secretário internacional, tesoureiro e vogal, bem como os seus adjuntos Srs. Eng.º Nobre Santos e Justino Estêvão da Silva.

Também assistiu à reunião o Presidente da Fraternal, Sr. Humberto Martins, que ali fora para apresentar cumprimentos ao Escoteiro-Chefe-Geral por motivo do seu regresso ao Continente.

Na véspera, o Chefe-Geral avistara-se com o Sr. Contra-Almirante Henrique Tenreiro, presidente da Associação, com quem tratara de assuntos referentes ao Movimento.

Nesta reunião deu-se conhecimento ao Sr. Escoteiro-Chefe-Geral de assuntos pendentes e outros que carecem de solução, falou-se da acção dos escoteiros na ocasião das inundações e da esplêndida acção do Secretário das Relações Internacionais acompanhando os escoteiros franceses que vieram a Portugal trazer e distribuir agasalhos e víveres às vítimas das inundações, actividade que o Chefe-Geral elogiou. Este referiu-se, de forma lisonjeira, ao inquérito levado a efeito pelo «Sempre Pronto» e disse ser seu propósito convocar tão depressa quanto possível uma reunião especial para debater o assunto. Informou ainda os presentes dos trabalhos de reorganização do Grupo n.º 36, de Luanda, com a nomeação de novos dirigentes e das diligências em curso para a criação de novos grupos em Luanda.

Os trabalhos da Direcção-Central têm prosseguido regularmente em subsequentes reuniões.

BOLETIM DA MOCIDADE

Iniciou a publicação de uma nova série, em Outubro último, este importante Boletim, editado pela Direcção de Serviços de Informação da Organização Nacional da Mocidade Portuguesa.

Este primeiro número publica artigos de muito interesse para o estudo dos problemas educativos, já que este Boletim tem como missão e finalidade tornar-se **um elemento de consulta e orientação de Dirigentes**, como se lê na Nota de Abertura, assinada pelo Sr. Comissário Nacional daquela Organização.

Desejamos a esta útil publicação, longa e proveitosa vida.

LUÍS GARCIA INACIO

O lar deste nosso estimado amigo, administrador adjunto de **Sempre Pronto**, foi alegrado com a *chegada* da Margarida Maria, uma gentil menina que nasceu no dia 25 de Dezembro último.

Felicitamos o nosso prezado colaborador, bem como sua esposa, a Sr.ª D. Maria Diamantina Roque Garcia Inácio, desejando as maiores felicidades à nova **fadinha.**

IMPRENSA

«Novidades»

Este conceituado órgão da imprensa da Capital, que ao escotismo tem dedicado particular atenção, completou, em 15 de Dezembro p. p., mais um aniversário.

«Diário de Notícias»

Também este importante diário completou mais um ano — o 103.º.

«O Primeiro de Janeiro»

Para este jornal da Capital do Norte, o dia primeiro deste ano foi data festiva, pois entrou no seu 100.º anos de vida.

«O Século Ilustrado»

Este conhecido semanário lisboeta conta, também desde o dia 1, com mais um ano de vida, o 31.º.

«O Século»

De igual modo, «O Século», jornal de grande informação que pelo escotismo sempre demonstrou grande simpatia, entrou, em 4 do corrente, no 87.º anos de existência.

«República»

Também comemorou mais um aniversário, o 57.º, em 15 do corrente, este conhecido vespertino lisbonense.

«A Voz»

Em 29 do mês em curso, este importante diário viu passar o seu 41.º anos de publicação.

«A Bola»

No mesmo dia, igual festividade celebrou este importante trissemanário desportivo, pela passagem do 21.º aniversário.

«O Educador»

Mais um ano de existência — o 36.º — comemorou o excelente jornal trimensal «O Educador», órgão e propriedade da Papelaria Fernandes, que aos assuntos relacionados com a educação dedica uma actividade digna de todos os encómios.

*

A todos quantos trabalham nestes prestigiosos órgãos da imprensa, **Sempre Pronto** felicita e deseja longa e proveitosa vida.

INTERCAMBIO EPISTOLAR ESCOTISTA

Mais escoteiros que querem trocar correspondência com jovens portugueses.

— Jesus Fernandez
Plaza de las Delícias, 63-B
Madrid 7 (Espanha).

— José J. Lema Mauriz
Apartado 63
El Ferrol del Caudillo (Espanha).

— Juan Yzuibejeres
Moltke 1420 — Peñarol
Montevideu (Uruguai).

Opinão dos Leitores

Caminhamos ou retrocedemos?

O facto de cientistas de reconhecido mérito actuarem no sentido de descobertas como a da transplantação de corações, traz muitas pessoas convencidas de que caminhamos no sentido de atingirmos um Mundo melhor.

Mas será possível, através de vidas que se prolonguem pela transplantação de corações, conseguir tal? As criaturas, já de si materializadas na maioria dos casos, consideram o dinheiro como preciosidade única, poderão espiritualizar-se com a transplantação de um coração de macaco como a Imprensa já noticiou. Ou materializar-se-ão mais?

Porque não havemos de proporcionar primeiro os meios para que as criaturas, durante a sua peregrinação por este vale de lágrimas, tenham um mínimo de bem-estar? O dinheiro que se gasta com descobertas para dar vida a quem já cumpriu a sua missão na Terra, empregado que fosse em minorar as dificuldades de tantos seres humanos que morrem à míngua de recursos, não resultaria mais profícuo?

Note-se que não condenamos o avanço da ciência, mas se este se processa em benefício de poucos com prejuízo de muitos, como se nos afigura nesta descoberta ou outras semelhantes, então pronunciamo-nos não diremos pelo retrocesso, mas pelo menos pela estagnação, dado o estado deficitário que vai atingindo até as Nações de mais recursos materiais.

J. PISCARRETA

«OPINIÃO DOS LEITORES» é a coluna onde poderá expor a sua opinião. Se concorda, se não concorda, se tem opinião diferente, escreva a dar o seu parecer. Discuta o problema! Tudo quanto se escreve neste jornal pode ser discutido nesta mesma coluna. Diga o que pensa!

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

Falecimento — Após longo sofrimento, faleceu, no dia 30 de Dezembro p. p., a Sr.ª D. Fernanda Olívia da Silva Rolão, dedicada esposa do nosso estimado amigo e assinante Sr. Eduardo Augusto Rolão, antigo escoteiro do grupo n.º 94, e mãe do menino Eduardo Fernando.

A família em crepes, e em especial àquele nosso prezado amigo, apresentamos condolências muito sentidas.

PATROCINADORES DE "SEMPRE PRONTO"

O nosso jornal, ao iniciar o ano de 1968 e o 24.º de publicação, tem a honra de contar como assinantes patrocinadores os seguintes nossos dedicados amigos, a quem apresenta os seus agradecimentos:

Associação dos Escoteiros de Portugal
Sr. Xavier de Brito
» Luís Alves Miguel
» Reginard Benvindo Paiva Frazoa
» Daniel Ribeiro Correia
» António Encarnação Amêndoa
» José Luís Pinto Machado
» José Manuel da Costa Soares Macedo
» Joaquim de Sousa Piscarreta
» Prof. Dr. João Faria Lapa
» Albano da Silva
» Mário Augusto
» Luís Simões Aurélio
» Rui da Silva Marques
» José Eduardo Pena Ribeiro
» António Silva Oliveira
Sr.ª D. Maria Manuela de Figueiredo Roma
Sr. Prof. Aníbal Gonçalves Ramos
» Armando Champlon
Sr.ª D. Maria do Carmo Martins
Sr. Paulo Maurício
» Augusto Garcia Monteiro
» Manuel Edmundo Morgado de Andrade
» Eugénio Ribeiro Nunes
» Coronel Fernando da Silva Caetano
» José Libório Trancoso
» Rui da Silva Paulo
» Alfredo Jorge Gallis
» Eng.º Frederico Oom
» Amilcar Fernandes
» Dr. Eugénio Henrique Ramos
» Eng.º Maria Nobre Santos
» Francisco Gonçalves
» Manuel de Matos
» Mário Luzano Pereira Leite
» José E. Clington Martins
» Tenente Manuel Canhão Fernandes
» José Dionísio dos Santos
» Justino Estêvão da Silva
» Luís Garcia Inácio
» António Pacheco da Silva
» José Luís Carreiro Jor.
» Jacinto dos Reis Moniz Silva
» Dr. Adelino Vieira Pimentel
» Francisco do Nascimento Pina
» Ernesto de Sousa
» António de Jesus Brito
» Carlos Alberto Filipe

Uma associação de escoteiros autónomos da região de Cluses, Alta Saboia Francesa,

realizou um peditório e levantou importantes ofertas para os sinistrados das inundações da Região de Lisboa

Uma associação de escoteiros de Cluses, em França, promoveu largo peditório a favor dos sinistrados pelas inundações de 25 de Novembro passado, tendo conseguido juntar 312 volumes com roupas e víveres, que a TAP transportou nos seus aviões para Lisboa, ao abrigo da generosa colaboração que ofereceu para a mesma assistência.

Para proceder à distribuição deste valioso auxílio, idêntico ao que já tinha prestado às vítimas das inundações de Florença, chegaram a Lisboa em 15 de Dezembro passado os Srs. Devant Pierre e Henri Clarino.

O Comissário Internacional da A. E. P., Sr. Manuel Lopes Peixoto, aguardava aqueles dirigentes no Aeroporto, acompanhado do Sr. Vítor Lima e Santos, do C. N. E., a quem dera conhecimento da ocorrência, bem como do Sr. Dias de Almeida, vogal da Direcção da A. E. P., e de duas senhoras do Movimento Nacional Feminino.

O Sr. Lopes Peixoto, que foi incansável na recepção e assistência aos visitantes, conseguiu a colaboração de diversas entidades que cederam transportes e facilitaram a missão de que aqueles vinham incumbidos.

Dado, no entanto, que a coordenação da assistência aos sinistrados estava entregue ao Instituto de Assistência à Família, coadjuvado pela Cruz Vermelha, Movimento Nacional Feminino e outras instituições, não puderam aqueles dirigentes entregar directamente, como pretendiam, as suas ofertas. Apenas fizeram entrega de 39 volumes a diversas famílias da povoação de Quintas, tendo sido os restantes distribuídos por aquelas entidades a sinistrados dos concelhos de Vila Franca de Xira e Arruda dos Vinhos, como era seu desejo. Na distribuição em Quintas colaboraram os escoteiros Rui de Macedo, da A. E. P., e Azevedo Ruas, do C. N. E.

Os dirigentes escoteiros franceses regressaram à sua terra em 20 de Dezembro. É deveras notável o esforço daquela associação de escoteiros autónomos para reunir ofertas e levar precioso auxílio a vítimas de grandes calamidades.

A Sé Catedral

Continuação da pág. 8

cuja narrativa, interrompida para darmos esta explicação que considerámos necessária, vamos voltar.

Críticas, canseiras, nada abatia o infatigável Arquitecto Couto. Liberta a pedra que havia dois séculos fora tão vilmente conspurcada, ia surgindo, em lamentável estado de destruição, a fábrica das primitivas construções. Aqui uma magnífica coluna, mais além um formoso capitel ou uma trabalhada janela gótica, nervuras, festões, arquivoltas, rosáceas, elementos que iam sendo postos a descoberto libertos da espessa camada de argamassa que os havia sepultado, desses elementos António Couto se servia, acrescentando-os, conservando o que podia ser conservado, mostrando a verdade dos estilos e a certeza inabalável da obra de ressurgimento que estava realizando.

Tivemos o feliz privilégio de, na própria Sé, ouvir a António Couto a palavra vibrante de pleno entusiasmo, transbordante de convicção e verdade da sua notável concepção. Falecido em 1946, deixou António Couto a Sé quase totalmente reintegrada nos seus estilos Românico e Gótico, restituída à pureza da pedra em toda a sua austera simplicidade, e dizemos quase totalmente, porquanto algumas partes não foram atingidas pelas obras, como, por exemplo, se pode ver na Capela-Mor, que ainda se nos apresenta no estilo Renascença flagrantemente contrastando com os já acima citados.

Ao evocarmos nestas linhas a obra gigantesca de António Couto, curvamo-nos reverentes perante a memória do insigne Arquitecto, que tão dignamente serviu a Arte e a cidade de Lisboa, da qual foi um dos seus mais devotados amigos.

Continua

Fundo de Financiamento Escotista

Recebemos um relatório, recentemente publicado, em que se dá conta da actividade desenvolvida durante o ano de 1966, e das contas referentes a esse mesmo período.

Da sua leitura, toma-se conhecimento do volume de vendas em 1966 foi muito superior aos dos anos que o antecederam, graças ao aumento verificado na existência de artigos vendáveis.

O passivo por que este Fundo era responsável no final do exercício daquele ano cifrava-se em cerca de 25 contos, sendo as existências em depósito de valor superior a 40 mil escudos.

Durante o ano de 1967, esperava a Administração deste Fundo prosseguir com as amortizações do capital dos seus subscritores.

E. C. Arnaldo Eduardo Couto

Em 2 de Janeiro corrente, este nosso amigo e conhecido dirigente do Escotismo no Porto, foi submetido, nos Serviços de Cirurgia do Hospital de S. João naquela cidade, a melindrosa operação, que decorreu normalmenté.

Segundo notícia que **Sempre Pronto** colheu directamente no Porto, o estado do doente é satisfatório. Apresentamos os nossos votos de rápido e completo restabelecimento.

DO ENTRONCAMENTO

O Grupo n.º 84 dos Escoteiros de Portugal, participou na festa de Inauguração do Grupo n.º 46 do C. N. E. em Carrazede

Em 24 de Dezembro passado, realizou-se em Carrazede, Lamarosa, a inauguração do Grupo local do C. N. E.

O «84», do Entroncamento, tendo sido convidado para participar nesta festa, compareceu ali com 14 dos seus membros, especialmente os lobitos, tendo-se associado aos respectivos actos.

«...The Right Place»

No número de Janeiro da revista escoteira britânica «The Scouter», o Director do Gilwell Park dá conhecimento de diversa correspondência que ùltimamente tem recebido e transcreve parte de uma carta em que um Comissário lhe conta:

— Numa carta, embora custe a crer, lê-se alguma coisa como isto: *Um novo Chefe de Lobitos anunciou-me que era agnóstico. Em face disto coloquei-o numa Alcateia de surdos mudos.*

SEMPRE PRONTO

Número 273

O

Janeiro de 1968

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

PEQUENA CRÓNICA DE LISBOA

A Sé Catedral

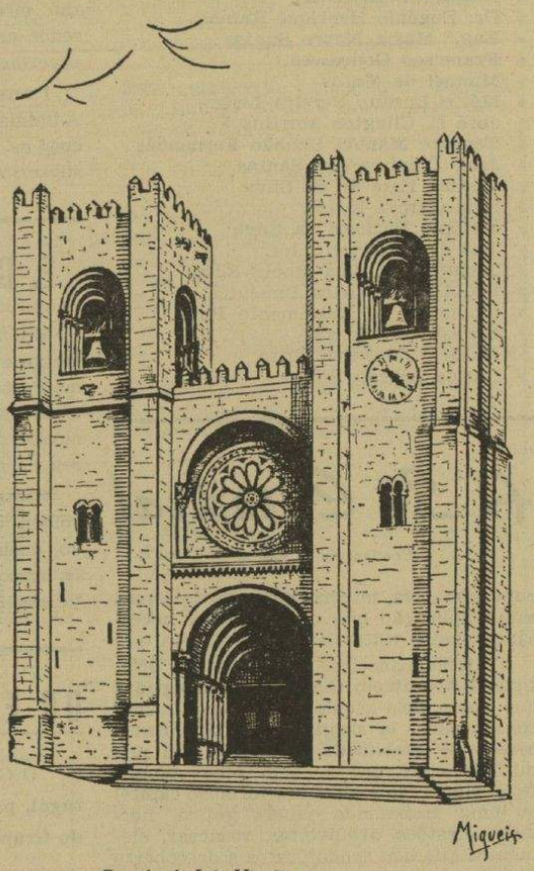
por Luís Simões Aurélio

I

A Sé de Lisboa é, depois do Castelo de S. Jorge e dos restos ainda existentes da Cerca Moura, o monumento mais antigo que se ostenta na nossa urbe. Mandada construir por D. Afonso Henriques após a conquista de Lisboa aos mouros, em 1147, o histórico monumento tem oferecido aos investigadores uma série de interrogações quanto à data exacta da sua construção, quanto ao arquitecto que teria concebido o seu traçado e ainda quanto ao facto de se achar o templo edificado sobre os fundamentos de uma mesquita moura.

Efectivamente, uma velha tradição sustenta ter o nosso primeiro Rei mandado construir a Sé de Lisboa sobre os fundamentos de uma mesquita que teria existido no local.

Porém, estudos modernamente efectuados, mormente aquando das obras de reintegração da Sé na sua traça primitiva, levaram à conclusão de que tal tradição não passa de uma lenda sem qualquer consistência verdadeiramente histórica. Procuraremos no decurso destas linhas dar aos nossos leitores uma síntese sobre este monumento pleno de interesse histórico e artístico, à sombra de cujas muralhas se desenrolaram grandes acontecimentos da vida de Lisboa nos seus oitocentos anos de existência portuguesa.



Desenho de Luís Miguéis

As duas altas torres, bem como os planos das suas fortes muralhas, coroados de ameias, qual castelo medievo, a fachada ampla em que se rasga a galilé e, nesta, o magnífico pórtico românico, um largo varandim sobre o arco da galilé e, sobrepujando aquele, uma formosa e grande rosácea, eis como ao olhar de quem, ido da Madalena, vai dar ao Largo que tem o seu nome, surge, imponente de grave majestade, a velha Sé de Lisboa.

Quando nas vossas deambulações pela cidade ali passardes, suspendei, por momentos, os vossos passos. Quedai-vos um pouco, olhando aquelas pedras tisnadas pelo sol de oito séculos, que viram já passar à sua ilharga centenas de gerações que nos precederam. Escutai atentamente, pois, na sua hierática mudez, essas pedras venerandas falam-vos, dizendo-vos quanto presenciaram. Elas evocam-nos as grandezas e misérias desta Lisboa, os acontecimentos gloriosos uns, trágicos outros, que à sua volta se desenrolaram.

Não só o ciciar das orações ou a suave melodia dos religiosos cânticos as suas naves augustas escutaram, e escutam, mas também o fragor dos combates e os gritos da turba amotinada e enfurecida se repercutiram com sinistro eco nas suas amplas e sagradas abóbodas. Os sismos que flagelaram Lisboa, ali deixaram profundas cicatrizes e, como se tal não bastasse, também em séculos não muito recuados, a mão do homem, por ignorância, maculou o notável monumento.

Nem sempre a Sé de Lisboa, nos seus aspectos quer interior, quer exterior, se apresentou como ora se encontra, tantas e tão profundas foram as alterações que, no decurso da sua longa existência, o rico monumento sofreu. Reintegrada nos seus estilos, o Românico da época da sua fundação e o Gótico de época posterior, a Sé voltou à feição da sua traça primitiva por obras de grande vulto levadas a efeito na vetusta Catedral e concluídas, na sua quase totalidade, há pouco menos de trinta anos. Iniciadas estas no princípio do actual século sob a direcção do Engenheiro Augusto Fuschini, as obras incidiram principalmente sobre o exterior do templo. Carreou o Engenheiro Fuschini valiosos subsídios para a história da Sé, que viriam a ser, anos mais tarde, amplamente desenvolvidos. Por falecimento deste eminente engenheiro, tomou a direcção das obras o Arquitecto António Couto, cujo nome ficou indissolùvelmente ligado ao histórico monumento, não só pelos notáveis estudos efectuados, mas ainda pelo impulso dado ao andamento das obras. Homem dinâmico, cultor de Arte, competente arquitecto e conhecedor do meio em que operava, nada lhe escapou ao seu olhar perspicaz de investigador e arqueólogo. Mas, para que os nossos leitores possam melhor avaliar em toda a sua extensão e complexidade a série de problemas que o Arquitecto Couto teve de solucionar, necessário se torna cortar aqui a narrativa e recuarmos à época longínqua da fundação da Sé. É o que vamos fazer, fiquemos pois por aqui e, oportunamente, voltaremos às obras de reintegração da Catedral na traça primitiva.

Como já atrás escrevemos, a Sé de Lisboa foi mandada edificar pelo Rei Conquistador, após a tomada da cidade, no que não há discrepância entre os historiadores. Falecido o Rei, as obras prolongaram-se por todo o reinado de seu filho, El-Rei D. Sancho I, e foram mais ou menos continuadas nos reinados seguintes. Até então, o estilo usado era o Românico, embora já no período de transição, isto é, do final deste estilo, ao qual se iria suceder o formoso estilo Gótico ou Ogival. É já, portanto, neste último estilo que se efectuam novas construções, as maiores que se conhecem após as primitivas, e foram levadas a efeito por El-Rei D. Dinis (1279-1325), que mandou construir o Claustro e suas Capelas. É também da época do Rei Lavrador a construção da lindíssima Capela de Bartolomeu Joanes. Oportunamente nos ocuparemos da descrição destas construções.

Ou por mera e faustosa ostentação ou, de facto, por necessidade de reparação da Capela-Mor da Sé que teria sofrido enormes estragos com os sismos que assolaram Lisboa na primeira metade do século XIV, o que é mais admissível, El-Rei D. Afonso IV realiza na Sé obras de grande envergadura. É no seu reinado (1325-1357) que se constrói o Deambulatório Gótico, à volta do qual se contam as formosas Capelas Afonsinas. Obra das mais notáveis do Estilo Gótico, o Deambulatório da Sé de Lisboa situa-se entre as mais arrojadas construções da arte religiosa do século XIV. Foi ainda sob a égide de D. Afonso IV que se construiu a alta torre quadrangular de três andares com janelas que assentava sobre o cruzeiro da igreja e se vê nalgumas gravuras antigas de Lisboa. Esta pesada torre ruiu por ocasião do terramoto de 1755.

D. João I, o fundador da gloriosa Dinastia de Avis, também se ocupou de obras na Sé, mandando reedificar a Capela-Mor que fora destruída por um raio.

Sob o governo de vários cardeais e arcebispos, ao longo de um largo período que abrange desde a segunda metade do século XV até ao século XVIII, mais ou menos andou sempre em obras a Sé sofrendo vários acrescentamentos. Foi, porém, no decorrer dos séculos XVII e XVIII, que se iniciaram na Sé obras que constituíram autêntico vandalismo. A ignorância de alguns cónegos em matéria de Arte, pretendeu transformar o sóbrio, mas magnífico interior da Sé, num faustoso templo do estilo Renascença. Para tal se conseguir, tudo quanto era pedra foi bàrbaramente picado e esponteirado, para segurar fortes e enormes cavilhas que sustentavam as espessas camadas de argamassa sobre os quais se produziram pinturas de cores com larga profusão de dourados. As destruições causadas na Sé pelo terramoto de 1755 não alteraram a feição do templo, que sofreu, após o incêndio, alguns restauros que mantiveram o falso estilo Renascença. Assim, o grande monumento se conservou até às obras de restauro iniciadas no princípio do actual século e a

Continua na pág. 7